

Preconceito de gênero em mulheres praticantes do esporte universitário

Marinez Domeneghini Hillebrand

Patrícia Krieger Grossi

João Feliz de Moraes

*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)
Porto Alegre, RS, Brasil*

RESUMO

As mulheres atletas sempre tiveram de encarar o preconceito social em relação à prática de determinados esportes. Este artigo que aborda o tema preconceito, foi realizado com parte dos dados de um estudo pioneiro quanti-qualitativo, realizado no Parque Esportivo da PUCRS entre abril e setembro de 2006, com 43 mulheres voluntárias e participantes do Esporte Universitário na PUCRS, onde se buscou compreender como a prática esportiva influenciou sua qualidade de vida. Desse total, 11, praticavam futsal. Estas, foram submetidas às duas fases do estudo, sendo que na segunda fase, quatro praticantes de futsal responderam a uma entrevista semi-estruturada com quatro perguntas. Os dados coletados foram submetidos a uma avaliação estatística e a uma análise de conteúdo. Os resultados encontrados mostraram que essas mulheres possuem uma boa percepção de sua qualidade de vida para os cinco domínios avaliados pelo questionário. As entrevistas salientaram a presença do preconceito de gênero envolvido com a prática de futsal, mostrando a existência de uma opinião formada na sociedade em geral (um estereótipo), reforçado até pelas próprias famílias, de que as mulheres que praticam futsal são “machonas” e pouco “femininas”. Ficou clara a importância da luta contra os preconceitos e a discriminação que envolvem essas atletas, buscando o respeito da sociedade pela escolha dessa prática esportiva.

Palavras-chave: Preconceito; qualidade de vida; mulheres; esporte universitário.

ABSTRACT

Gender biases by women practiser of university sports

The present pioneer quantitative and qualitative study, performed in the PUCRS Sports Complex during the months from April to September 2006, aimed at understanding how the practice of sports has influenced the quality of life of 43 women who have volunteered to take part in the University Sports Teams of PUCRS. From the total of volunteers, 12 were handball players, 11 were indoors football players, 10 were basketball players, and 19 were volleyball players. All the volunteers were aged between 17 and 26 years old. In the initial stage of the study, all the volunteers filled in an Information Form, and answered to a Quality of Life Assessment Questionnaire (in short, WHOQL) and to a data sheet for complementary information. During the second stage, the volunteers were submitted to a semi-structured interview containing four questions. The data was submitted to a statistical evaluation and an analysis of content. The findings have shown that these women are highly aware of their quality of life regarding the five dominions assessed through the questionnaire (physical, psychological, social relations, environment and general). Data such as the improvement of self-esteem, health and organizational skills, as well as the friendship network and the ability of team working, which was gathered during the interviews, have reinforced the positive perception of the quality of life. These findings are in accordance with the literature, both domestic and international, about the importance of sports as a factor that promotes health and social inclusion, leading to the enhancement of the quality of life of the general population. It has also been demonstrated that the questionnaire was insufficient for a comprehensive gathering of data. The semi-structured interview based on the analysis of contents has made it possible to confront the contradictions between the theory and the practice of sports inside the University. The efforts aiming at overcoming the obstacles, such as the lack of technical and financial support, as well as the gender biases related to the practice of specific sports by women, must become a priority in order to mobilize the society as a whole, thus reinforcing the creation of more and better public and private policies for the practice of sports.

Keywords: Prejudice; quality of life; women; university sports.

RESUMEN

Prejuicio de género en mujeres practicantes del deporte universitario

Las mujeres atletas siempre tuvieron que enfrentar el prejuicio social en relación a la práctica de determinados deportes. Este artículo que aborda el tema prejuicio fue realizado con parte de los datos de un estudio pionero cuantitativo, realizado en el Parque Deportivo de PUCRS entre abril y septiembre de 2006, con 43 mujeres voluntarias y

participantes Del Deporte Universitario en PUCRS, donde se buscó comprender como la práctica deportiva influenció su calidad de vida. De este total, 11, practicaban fútbol. Estas, fueron sometidas a dos fases del estudio, siendo que en la segunda fase, cuatro practicantes de fútbol respondieron a una encuesta semi-estructurada con cuatro preguntas. Los datos recolectados fueron sometidos a una evaluación estadística y un análisis de contenido. Los resultados encontrados mostraron que estas mujeres poseen una buena percepción de su calidad de vida para los cinco dominios evaluados por el cuestionario. Las encuestas resaltaron la presencia de prejuicio de género involucrado con la práctica de fútbol, mostrando la existencia de una opinión formada en la sociedad en general (un estereotipo), reforzado hasta por las propias familias, de que las mujeres que practican fútbol son “machorras” y poco “femeninas”. Se quedó clara la importancia de la lucha contra los prejuicios y la discriminación que involucran estas atletas, buscando el respeto de la sociedad por la elección de esta práctica deportiva.

Palabras clave: Prejuicio; calidad de vida; mujeres; deporte universitario.

INTRODUÇÃO

O corpo é a base de nossa maneira de estar no mundo, de lidar com as diferenças e semelhanças, adotando comportamentos na organização da vida humana. É por meio dele que questionamos as estruturas políticas, econômicas e sociais, materializadas por intermédio dos poderes, saberes e prazeres que os corpos se permitem viver e transformar. Na construção de noções de corporalidade feminina, entrelaçam-se relações de classe, raça e gênero (Louro, 2000).

O esporte, um fenômeno surgido há milênios, mostrou que as mulheres sofreram limitações em seu direito à prática esportiva. Na atualidade, o mundo esportivo tem, em parte, incorporado a luta das mulheres para se apropriarem de espaços existentes e/ou para criar novos.

A literatura sobre as mulheres e as relações de gênero no esporte tem assinalado os avanços e os pontos de conflitos antigos e novos. Lensklyj (1986), exemplifica que os esportes continuam sendo avaliados em termos de gênero, incluindo os que se tornaram unissex e os que são vistos como potencialmente masculinizantes para as mulheres. Festle (1996) refere que as mulheres atletas sempre tiveram de encarar o preconceito social de dois tipos: primeiro, que suas diferenças físicas as faziam muito menos competentes para o esporte do que os homens; e, segundo, que a prática esportiva as masculinizava. Portanto, ainda hoje, apesar de todas as lutas e conquistas, as mulheres atletas são obrigadas a tomar o cuidado necessário para mostrar ao público que sua prática no esporte não compromete sua feminilidade.

Também cada vez mais a forma e o tamanho do corpo do atleta são tão importantes quanto seu desempenho esportivo, relacionados aos conceitos sociais sobre quais os tipos de corpos masculinos e femininos que nossa cultura valoriza ou despreza. Para Butler (1997), existe uma incorporação de mensagens conflitantes sobre gênero. Por um lado, afirma-se a capacidade da atleta e se representam corpos femininos fortes e

fisicamente competentes como desejáveis, criando-se paralelamente formas estetizadas de representar o corpo de atletas homens muito parecidas com as formas correntes de exposição do corpo das atletas. Por outro, persiste a noção profundamente estereotipada e normatizadora do que uma atleta pode ou deve fazer, reflexos da profunda ansiedade humana para saber o que é ser uma mulher. Existe, por outro lado, segundo Bordo (1997a), a possibilidade de a atividade esportiva feminina se adaptar à feminilidade normativa e à atual cultura do corpo, que subordina a capacidade à aparência e a autodeterminação à reprodução de padrões socialmente prezados.

Portanto, torna-se interessante procurar entender exatamente o que está em jogo quando as mulheres se tornam atletas, identificadas com o esporte não só pelo prazer de praticá-lo, mas como forma de ganhar a vida e de participar de uma cultura, anteriormente masculina, que torna a atleta um símbolo do sucesso em seu meio. Isso implica entender o significado da prática esportiva para as mulheres, o que pode representar uma forma de fortalecimento, direcionada para a realização de metas e prazeres, mesmo que esses transgridam normas relativas à feminilidade, no sentido de postura, movimento, atitudes agressivas ou competitivas, etc.

O estudo com mulheres praticantes de futebol procurou abordar estas contradições entre a prática do esporte e o ser mulher, dentro de uma sociedade que ainda tem preconceitos arraigados em relação ao que uma mulher pode ou não pode fazer para ser considerada feminina e onde ainda muitos de seus direitos garantidos por leis são desrespeitados.

METODOLOGIA

Este artigo foi elaborado a partir dos dados coletados de um estudo pioneiro quanti-qualitativo com vistas a qualificação para Doutorado em Serviço Social. O trabalho foi realizado no Parque Esportivo da PUCRS entre abril e setembro de 2006, com 43 mulheres voluntárias e participantes do Esporte Universitário na

PUCRS, onde se buscou compreender como a prática esportiva influenciou sua qualidade de vida. Desse total, 11 mulheres praticavam futsal. Estas, na primeira fase do estudo, responderam a uma Ficha de informações sobre o respondente (WHOQOL); a um Questionário de Avaliação da Qualidade de Vida (WHOQOL); e a uma Ficha de Avaliação Complementar para coleta de dados complementares e não constantes do (WHOQOL). Na segunda fase, foi aplicada uma entrevista semi-estruturada, com duração média de 20 a 30 minutos e com quatro perguntas para as quatro praticantes de futsal, que se ofereceram espontaneamente. A mesma foi gravada e transcrita. Todas as participantes do estudo assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O Questionário de Avaliação da Qualidade de Vida (WHOQOL – Abreviado) é um instrumento de avaliação de 26 perguntas, com cinco alternativas cada uma, em ordem crescente do nível de satisfação: 1 - Nada; 2 - Muito pouco; 3 - Médio; 4 - Muito; 5 - Completamente. Os cinco domínios avaliados (físico, psicológico, relação sociais, meio ambiente e qualidade de vida global) se situam entre os limites de 4 a 20 pontos, em que quanto maior o número de pontos, melhor a percepção de uma boa qualidade de vida (The WHOQOL Group, 1994, 1998; Fleck et al., 1999).

Os dados quantitativos coletados foram analisados por meio de técnicas estatísticas descritivas: frequência, média e desvio padrão (LEVIN, 1987). Para as variáveis categóricas, utilizou-se para a avaliação a porcentagem (LEVIN, 1987). Na comparação dos escores dos domínios do Questionário de Qualidade de Vida (WHOQOL) e para as diferentes modalidades esportivas, utilizou-se o ANOVA (análise de variância) (LEVIN, 1987). O nível de significância adotado no estudo foi de $\alpha = 0,05$ (LEVIN, 1987). Os dados foram processados e analisados com o auxílio do programa estatístico SPSS (*Statistical Package of Social Sciences*) for Windows, versão 12.0 y *Epi-Info* 2002.

As informações qualitativas foram submetidas à análise de conteúdo, segundo os procedimentos apontados por Bardin (1988). O objetivo do uso da análise de conteúdo foi a obtenção de uma visão mais completa do contexto social em que estão inseridas as mulheres participantes do Esporte Universitário, bem como poder comparar os dados coletados através das entrevistas com os resultados obtidos com a aplicação do (WHOQOL) e avaliados estatisticamente. Isso possibilitou a emergência de contradições entre o discurso e a prática esportiva e também evidenciou o quanto a percepção do conceito de qualidade de vida é subjetivo, reforçando ainda mais a importância do uso de um instrumento qualitativo de análise de dados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As 43 mulheres praticantes do Esporte Universitário na PUCRS apresentam uma boa percepção de sua qualidade de vida, não havendo diferenças estatisticamente significativas entre as atletas das diferentes modalidades de esporte. Também para todos os domínios físico, psicológico, relações sociais, meio ambiente e qualidade de vida global, a percepção da qualidade de vida foi satisfatória, para os limites de uma escala entre 4-20 propostos para avaliação dos resultados obtidos pelo (WHOQOL).

Para os dados acima avaliados pelo presente estudo, a pesquisa quantitativa usando o (WHOQOL) foi importante para dimensionar os problemas trabalhados, para trazer grandes retratos da realidade (sua qualidade de vida é boa). Por outro lado, foi insuficiente para trazer as concepções dos sujeitos: como pensam a sua problemática (dificuldades encontradas para a prática esportiva); que significados atribuem às suas experiências; como vivem a sua vida; quais suas experiências sociais e que significado atribuem a isso, uma vez que a sua prática esportiva está condicionada por uma teia de relações familiares, sociais, econômicas e institucionais mediatizadas pelas questões de gênero. Essa teia de relações é complexa e contraditória, pois pode ora fortalecer as mulheres, ora limitá-las no exercício de sua prática esportiva, como no caso das atletas do futsal, onde o preconceito apareceu em todos os depoimentos fornecidos. Dessa forma, o uso da pesquisa qualitativa foi fundamental e superior para a captação da complexidade dessa teia de relações e para obtenção dos dados necessários para uma avaliação mais profunda dessas atletas.

Sobre as modificações da vida pessoal após o início da prática esportiva, as atletas do futsal, bem como as demais atletas, referiram um aumento da auto-estima pessoal, a ampliação do leque de amizades com o aprendizado do trabalho em grupo e a melhora da convivência social, um aumento da disciplina e da organização e uma melhora do bem-estar físico e mental, traduzidos por melhora no desempenho estudantil e no trabalho, refletindo-se em uma melhora da qualidade de vida.

Já em relação a família, as atletas do futsal referiram a falta de apoio familiar, pelo preconceito dos pais em relação à prática de um esporte considerado masculinizante, o que ficou bastante caracterizado pelas falas das participantes. Aqui, o preconceito é de gênero, pois existe uma opinião formada na sociedade em geral (um estereótipo), reforçado pelas próprias famílias, de que as mulheres que praticam futsal são “machonas” e pouco “femininas”. Tal conceito é destituído de uma análise mais profunda e reflexiva sobre as mulheres que

jogam futsal, uma vez que cada uma das entrevistas do estudo apresenta características pessoais diferentes. Os depoimentos abaixo exemplificam a existência de preconceito:

“A família também tem essa dificuldade por causa do preconceito, porque quem joga futebol é homem, são tudo machão. É deu bastantes dificuldades em relação à minha mãe. Às vezes impedir de eu fazer o esporte por competição, sair de casa [...]” (suj. 1, FS)

“Tem gurias que jogam e a família não gosta. Tem uma que joga de vez em quando, que, quando ela vem pra participar dos campeonatos, o pai dela quase tem um ‘treco’ na casa. É tem muito, preconceito.” (suj. 3, FS)

Com respeito às principais dificuldades encontradas para a prática do esporte, houve quase unanimidade de todas as atletas sobre a falta de apoio da universidade, tanto técnico (treinamento adequado, suporte profissional, material, horários compatíveis) como financeiro (fornecimento de bolsas de estudo, participação em campeonatos) para com as participantes, ficando claro o conflito de interesses e a comparação com outras universidades, onde o apoio é maior. Também foi relatada a falta de treinamento adequado e de um técnico mais presente, principalmente pelas participantes do voleibol.

Para as participantes do futsal, além das dificuldades acima citadas, mais uma vez o preconceito foi citado como um dos principais entraves enfrentados para a prática do esporte, tanto familiar como da sociedade em geral, pelo fato de as mulheres praticarem um esporte considerado masculino, sendo que a ausência de apoio financeiro e de campeonatos são tidos como fatores limitantes para a obtenção de melhores resultados nas competições em que participam. O depoimento a seguir ilustra bem esta dificuldade:

“A dificuldade, principalmente no futsal, é o preconceito [...]. Os patrocinadores, olheiros, eles não tão querendo saber daquilo, eles tão querendo ver uma qualidade [...]. Até própria de algumas gurias, que têm esse preconceito. E financeiro também, tipo se tu é homem, qualquer time de esquina consegue patrocínio. Já o feminino, não. Tu tem que mostrar que tu tem condições, tem que jogar, gastar do teu dinheiro pra poder demonstrar alguma coisa, pra que aquilo, alguma vez na vida, alguma pessoa vá te dar alguma ajuda. Mesmo assim, é bem pouquinho [...]. Eles tentaram colocar campeonato brasileiro de mulheres, mas não tem [...]. Eles tentam incentivar, mas ao mesmo tempo não fazem por querer isso, sabe? Não tem força

de vontade nenhuma. Mulher não serve para sabe... Vai fazer uma faculdade que ganha mais.” (suj. 1, FS)

Esses depoimentos reforçam os achados publicados na literatura sobre preconceito e discriminação em vários âmbitos sofridos pelas mulheres, aqui apresentados sob a forma de dificuldade de obtenção de patrocínio e discriminação pelo fato de serem mulheres jogando futebol. Conforme Minayo (2003), no âmbito do trabalho, a dominação masculina manifesta-se em diferenciações de salário, discriminações, ameaças e assédio sexual. Esses achados também servem para reforçar a importância da dimensão histórica da submissão feminina e do movimento feminista do ponto de vista do direito, da justiça e da saúde pública.

Quando as mulheres participantes do Esporte Universitário foram perguntadas sobre as estratégias de superação das dificuldades apresentadas, ficou evidente a importância de um apoio institucional por parte da PUC, tanto do ponto de vista financeiro como do técnico, com ênfase a um planejamento de longo prazo que pudesse organizar melhor os times para que tivessem uma maior participação em campeonatos, bem como uma divulgação da universidade e um melhor aproveitamento do Parque Esportivo. Para isso é necessário o estabelecimento de metas e um comprometimento maior por parte das atletas, dos técnicos e da universidade, buscando a implementação de uma gestão do esporte profissional que traga resultados positivos para os investimentos financeiros e humanos necessários para alcançar esses objetivos.

Para as praticantes de futsal, juntamente com as estratégias acima, ficou claro que elas querem lutar contra os preconceitos e a discriminação a que vêm sendo submetidas, buscando mais respeito por sua escolha pela prática de um esporte considerado masculinizante. Os dois depoimentos a seguir reforçam bem esta sua disposição para a luta:

“Eu gostaria de mostrar muito o lado do futebol feminino, o lado da qualidade do futebol. Sabe mostrar que também tem que ter respeito, que não é só porque mulher joga futebol [...]. A gente trabalha com seriedade. Isso também muitas vezes não é levado a sério. Mostrar que nós também temos condições. Respeito, qualidade de jogo e garra, vontade, sabe.” (suj. 1, FS)

“Mobilização pra que haja mais espaço, que já tá se abrindo pra atividade física do futsal feminino, no caso né. Que existe ainda muito preconceito. É um esporte de muito contato físico, que seria uma coisa mais masculina, que as atletas teriam gostos masculinos, o que na verdade não é. Aqui no time da PUC tu vê que não é bem assim. Tem

as duas coisas, tem gente que gosta de mulher, tem gente que gosta de homem. E a gente se dá muito bem. Não tenho problema de relacionamento com isso. Ao contrário, a gente aprende a lidar com as diferenças dentro do grupo. Isso que eu acho bem válido.” (suj. 4, FS).

Com relação ao estudo ter sido realizado com mulheres, trabalhando gênero, algumas considerações devem ser tecidas em relação aos achados encontrados, onde o preconceito foi amplamente exposto como uma dificuldade a ser vencida pelas praticantes de futsal.

Em primeiro lugar é difícil a compreensão das complexas interações entre as imensas desigualdades sociais e a atividade física laboral humana, principalmente em relação às mulheres brasileiras. Segundo Castel (1977), a mulher tem uma situação desfavorável em nossa sociedade, sendo o movimento feminista um dos responsáveis pela luta e pela conquista de leis favoráveis à sua condição no trabalho e proteção geral. Essas desigualdades ocorrem na constituição de qualquer sociedade e dependem de fatores biológicos, ambientais e comportamentais.

Apesar desses progressos obtidos com essas lutas, mais evidentes nos países desenvolvidos, ainda em muitos outros países ocorrem problemas quando não há uma correspondência entre sexo e gênero, ou seja, quando uma mulher é considerada masculina, é chamada de machona, e um homem considerado feminino é chamado de efeminado. De acordo com Strey (2002), esses rótulos são carregados de simbolismos negativos, preconceitos estigmatizantes, como uma censura cultural por a pessoa não corresponder ao que se espera dela como homem ou como mulher, sendo ainda transmitidos de geração em geração, apesar de todas as conquistas tecnológicas da humanidade. Ainda segundo essa autora, a despeito da ação dos movimentos feministas, esses argumentos tradicionais demoram para serem abolidos, pois foram internalizados, ensinados, aprendidos e praticados como verdadeiros e imutáveis, tendo contribuído para a condição de inferioridade das mulheres em nossa sociedade.

Também deve ser levado em conta que a cultura de beleza feminina da sociedade, que se vale do atual poder das imagens, de uma forma sem precedentes históricos, tendo se atualizado a partir da incorporação dessa noção da mulher ativa, elaborando novos padrões estéticos. O corpo feminino ideal é magro e firme, embora não musculoso demais, sendo que a ênfase que a atual cultura consumista dá à produção do corpo ideal faz duvidar de que o que se esteja promovendo seja um corpo feminino forte e livre. O que se estaria em realidade mostrando é a forma como os corpos das mulheres são sujeitos aos discursos dominantes,

comprometendo-se com a tirania narcisista da magreza (Lupton, 1995).

Outras desigualdades em relação as mulheres interferem em sua qualidade de vida, como a desigualdade de renda no trabalho; na saúde; e nas condições sanitárias gerais, relacionadas à educação e ao analfabetismo funcional (Waissmann, 1993). D’Oliveira e Schraiber (1999) salientam que essas desigualdades se traduzem em violência sofrida pela mulher, compreendida como uma violência de gênero. Ainda conforme Meneghel et al. (2000), essa violência é estruturada por um padrão de relações sexuais hierárquico, exemplificado claramente no texto com as falas das participantes do futsal, que enfatizam a preferência que os homens jogadores de futsal têm na obtenção de patrocínio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, com mulheres participantes do Esporte Universitário na PUCRS, nas modalidades voleibol, handebol, futsal e basquetebol, demonstrouse, mediante o uso do Questionário de Avaliação de Qualidade de Vida (WHOQOL) que elas possuem uma boa percepção de sua qualidade de vida para todos os domínios avaliados (físico, psicológico, relações sociais, meio ambiente e geral), em uma escala de 4 a 20 pontos.

Esses achados foram confirmados pela aplicação de entrevistas semi-estruturadas com análise de conteúdo, onde mais uma vez foi reforçada, por meio de todos os depoimentos prestados pelas participantes, a importância do esporte como fator de melhoria da qualidade de vida, confirmando os dados já encontrados tanto na literatura nacional como na internacional. Referências verbais quanto à melhora da auto-estima, da saúde, da organização, da ampliação do leque de amizades e da capacidade de trabalhar em grupo são apenas alguns exemplos que serviram para reforçar ainda mais a importância do esporte como fator de promoção da saúde e de inclusão social.

Questões como preconceito em relação às mulheres praticantes de futsal apareceram de forma marcante em todos os seus depoimentos. Ficou claro que existe uma opinião formada na sociedade em geral e reforçada pelas próprias famílias, de que as mulheres que praticam futsal são “machonas” e pouco “femininas”. No âmbito do trabalho, manifestou-se em menos oportunidades de patrocínio em relação aos homens jogadores deste esporte. Esses achados serviram para reforçar a importância da dimensão histórica da submissão feminina e do movimento feminista do ponto de vista do direito, da justiça e da saúde pública.

REFERÊNCIAS

- Bardin, L. (1998). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70/Persona.
- Bordo, S. (1997a). O corpo e a reprodução da feminidade: uma reapropriação feminista de Foucault In Jaggar, A., & Bordo, S. (Orgs.). *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Butler, J. (1997). Performative Acts and Gender Constitution. In: Conboy, K., Medina, N., & Stanbury, S. (Orgs.). *Writing on the body: Female embodiment and feminist theory*. New York: Columbia University Press.
- Castel, R. (1997). *Desigualdade e questão social*. São Paulo: Educ.
- D'Oliveira, A.F.P.L., & Schraiber, L.B. (1999). Violência de gênero, saúde reprodutiva e serviços. In Giffin, K., & Costa, S.H. (Orgs.). *Questões de saúde reprodutiva*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Festle, M.J. (1996). *Playing Nice: politics and apologies in Women's Sports*. New York: Columbia University Press.
- Fleck, M. et al. (1999). Aplicação da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100). *Rev. Saúde Pública*, 33, 2, 198-205.
- Lenskylj, H. (1986). *Out of Bounds: women, sport and sexuality*. Toronto: The Women's Press.
- Louro, G.L. (2000). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Lupton, D. (1995). *The Imperative of Health: public health and the regulated body*. Thousand Oaks, CA.: Sage Publications.
- Meneghel, S.N. et al. (2000). Mulheres cuidando de mulheres: um estudo sobre a Casa de Apoio Viva Maria, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 16, 3, 747-757.
- Minayo, M.C.S. (2003). Tendências da produção científica brasileira sobre violência e acidentes na década de 90. In Minayo, M.C.S., & Souza, E.R. (Orgs.). *Violência sob o olhar da saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Strey, M.N. (2002). Aprendendo a ser inferior: as hierarquias de gênero In Strey, M.N., Lyra, A.V., & Ximenes, L.M.S. (Orgs.). *Gênero e questões culturais: a vida de mulheres e homens na cultura*. Recife: Universitária.
- The WHOQOL Group. (1994). The development of the World Health Organization quality of life assessment instrument (the WHOQOL). In Orley, J., & Kuyken, W. editors. *Quality of life assessment: international perspectives*. Heigelberg: Springer Verlag.
- The WHOQOL Group. (1995). The World Health Organization Quality of Life Assessment (WHOQOL): Position paper from The World Health Organization. *Soc. Sci Med*, 41, 1403-1409.
- The WHOQOL Group. (1995). The World Health Organization Quality of Life Assessment (WHOQOL): development and general psychometric properties. *Soc. Sci Med*, 46, 1569-1585.
- Waissmann, W. (1993). *O trabalho na gênese da doença isquêmica do coração*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz.

Recebido em: 18/06/2007. Aceito em: 19/08/2008.

Autores:

Marinez Domeneghini Hillebrand – ...
 Patrícia Krieger Grossi – ...
 João Feliz de Moraes – ...

Endereço para correspondência:

PATRICIA KRIEGER GROSSI
 Faculdade de Serviço Social
 Av. Ipiranga, 6681, Prédio 15, sala 352
 CEP 90619-900, Porto Alegre, RS, Brasil
 E-mail: PKGrossi@puers.br